



PRÁXIS DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO
PRAXIS OF LITERACY AND LITERACYARAUJO, Assis Silva de¹**RESUMO**

O presente artigo científico de caráter bibliográfico tem por objetivo propor um panorama conceitual e prático entre os métodos de alfabetização e letramento. Assim sendo, serão consideradas as condições de práticas e usos destes, no contexto escolar das crianças em processo de alfabetização e na vida cotidiana dos indivíduos, isto é, as práticas sociais recorrentes ao dia a dia das pessoas sejam elas alfabetizadas ou não. Com base nos teóricos da área da educação, Abreu, Azevedo, Bettelheim, Cagliari, Frade, Ferreiro, Lopes, Mortatti, Oliveira, Rojo, Soares, dentre outros, pretende-se esclarecer que a alfabetização é a habilidade de codificação e decodificação dos signos linguísticos - as letras, as palavras e as famílias alfabéticas simples e complexas, e letramento refere-se à expansão do processo de alfabetização e/ou usos contínuos e conscientes das práticas sociais que exigem a escrita e a leitura.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Gêneros textuais.

ABSTRACT

This scientific bibliographical article aims to propose a conceptual and practical panorama between literacy and literacy methods. Therefore, the conditions of practices and uses of these will be considered, in the school context of children in the literacy process and in the daily lives of individuals, that is, the social practices recurrent in people's daily lives, whether they are literate or not. Based on theorists in the area of education, Abreu, Azevedo, Bettelheim, Cagliari, Frade, Ferreiro, Lopes, Mortatti, Oliveira, Rojo, Soares, among others, it is intended to clarify that literacy is the ability to encode and decode signs linguistic - simple and complex letters, words and alphabetic families, and literacy refers to the expansion of the literacy process and/or continuous and conscious uses of social practices that require writing and reading.

Keywords: Literacy. Literacy. Textual genres.

¹Graduação do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia; Pedagogia, pela Faculdade de Educação Paulistana e Pós-graduação dos cursos Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pela Faculdade São Luís e Alfabetização e Letramento pela Faculdade Anhanguera.

1. INTRODUÇÃO

“O hábito da ditadura começa com o ditado escolar.” (Samir Curi Meserani).

O presente artigo científico e de caráter bibliográfico tem por objetivo traçar um panorama entre as práticas de alfabetização e letramento das crianças no contexto da sala de sala. Mas também, apontar a diferença entre os indivíduos alfabetizados e letrados que convivem em uma sociedade permeada pelas práticas em questão. Assim sendo, será necessário definir os termos alfabetização e letramento, e apontar algumas práticas destas habilidades, no contexto escolar das crianças e das pessoas que estão inseridas na comunidade de forma geral. Com base no referencial teórico dos autores, Abreu, Azevedo, Bettelheim, Cagliari, Carneiro, Frade, Ferreiro, Lopes, Mortatti, Oliveira, Rojo, Soares etc, os quais atuaram/atuem nestes dois processos - alfabetização e letramento ratificar-se que ambas são práticas envolvidas num processo recíproco e mútuo.

A tessitura deste trabalho justifica-se pela relevância de entendermos que não basta só alfabetizar nossas crianças ensinando-as a decodificar apenas letras e palavras, o letramento se faz necessário para criarmos uma cultura de seres humanos críticos e conscientes de suas ações, sobretudo, as que dizem respeito à cultura escrita e as práticas sociais de uso da escrita.

Haja vista, alfabetizar com uma diversidade de textos que circulam socialmente é muito relevante. Assim sendo, a epígrafe introduzida na parte inicial deste trabalho remete-nos a pensar o processo de alfabetização como um método inovador fora dos padrões tradicionais - codificação e decodificação das letras, das famílias alfabéticas e das palavras sem vínculo com os códigos do meio social, como por exemplo, as famosas cartilhas preestabelecidas pelos sistemas de alfabetização as quais na maioria das vezes estão enraizadas no método tradicional de reprodução silábica.

Este trabalho bibliográfico acerca das práticas de alfabetização e letramento será discutido impreterivelmente, conforme os seguintes tópicos: 2.0. Desenvolvimento. 2.1. O que é alfabetização? 2.2. Processo de aquisição da

escrita, 3.0. O que é letramento? 3.1. Diferença entre uma criança alfabetizada e uma criança letrada. 3.2. Práticas de alfabetização e letramento, 3.3. Gêneros adequados à linguagem oral, 3.4. Gêneros adequados à linguagem escrita, 4. Considerações finais.

Por fim, cada uma destas subdivisões nos proporcionará compreender de forma eficaz, qual a diferença entre alfabetização e letramento, como e quais métodos podem-se usar no contexto de sala de aula para alfabetizar e letrar concomitantemente. Vivemos numa sociedade permeada pelas práticas de letramento, sendo assim, é necessário, preparar as crianças para tais práticas desde a pré-escola.

2. DESENVOLVIMENTO

As práticas de alfabetização e letramento devem ser desenvolvidas de forma intrínsecas e conjugadas, até porque, o sentido real de alfabetizar as crianças é prepará-las para o contexto letrado da sociedade em que vivem. Para Bettelheim e Zelan, em seu livro *Psicanálise da alfabetização* (1992, p. 202), “O vocabulário inadequado empregado nas cartilhas, a interminável repetição de palavras e muitas outras mutilações destes textos aborrecem e chateiam as crianças.” O vazio dos textos bem como a prática insignificante dos ditados é entediante para os educandos. Deste modo, é inegável não alfabetizá-las na perspectiva do letramento, ou seja, das práticas sociais. Mas afinal como se dá o processo de alfabetização e letramento? Ei-los abaixo nas sessões que seguem.

2.1. O QUE É ALFABETIZAÇÃO?

A alfabetização é a aquisição do código da escrita e da leitura. Segundo Magda Soares (2005) esta pratica acontece através do domínio de técnicas como: Grafar, reconhecer letras, codificar, estabelecer relações entre (sons e letras, fonemas e grafemas), utilizar o papel, manusear o lápis e entender a direcionalidade da escrita. Após dominar estas habilidades e perceber as unidades menores que compõem o

sistema de escrita - as letras, as palavras e as sílabas, as crianças tornam-se plenamente alfabetizadas.

A nomenclatura alfabetização refere-se ao ensino e ao aprendizado das habilidades de representação da linguagem humana, ou seja, a escrita alfabético-ortográfica. A escrita alfabético-ortográfica é um sistema de representação, e distingue-se de outros sistemas de representação, como o desenho, por exemplo. Ela representa certas propriedades do signo linguístico e sua utilização envolve uma automatização das relações entre o que está escrito e o que este representa em si. Assim sendo, a alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, pelo contrário, as crianças precisam construir um conhecimento de natureza conceitual - elas necessitam compreender não só o que a escrita representa, mas também, de que forma a escrita representa graficamente a linguagem.

Conforme, Soares e Batista, em caderno do professor - *Alfabetização e letramento* (2005) do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da Faculdade de Educação da UFMG, as crianças já alfabetizadas, ou seja, aquelas detentoras do funcionamento da escrita e das capacidades, cognitivas e motoras, entendem que:

- a) Os ideogramas representam algo e que eles exercem uma função simbólica;
- b) Os ideogramas não são desenhos e são distintos de outros sistemas de significação;
- c) Os ideogramas são um tipo de escrita, de representação da linguagem humana;
- d) A escrita ideográfica representa os significados dos signos linguísticos;
- e) Elas estabelecem correspondências e associações entre a forma dos ideogramas e seus significados;
- f) Têm domínios de capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita.

Ainda, de acordo Soares e Batista (2005): quando dizemos ou ouvimos palavras como SAPO e MESA, utilizamos signos linguísticos. Esses signos possuem sempre duas correspondências. Uma das correspondências é o significado ou a ideia que formulamos ao falar ou escutar as palavras (SAPO e MESA). A outra correspondência é o significante, ou seja, aquele conjunto de sons articulados, ao qual

associamos um significado. Deste modo, quando as crianças alfabetizadas ouvem ou pronunciam o signo SAPO, elas associam os sons [s]+[a]+[p]+[u] (o significante) a seus significados, que dependendo do contexto, significa um animal anfíbio ou uma coisa difícil de aceitar, como na frase: *Tive de engolir vários sapos hoje*. Da mesma maneira, ao ouvir ou pronunciar o signo MESA, associam os sons [m]+[e]+[z]+[a] (o significante) a seus significados. *Móvel com um tampo e pés, destinado a fins utilitários (comer, jogar, estudar, etc.)*.

Enfim, a alfabetização é muito mais do que decodificação e codificação de códigos, é a relação entre os discentes e seus conhecimentos de mundo. O processo de alfabetização inicia-se antes das crianças entrarem na escola, isto porque, antes de adentrá-las, elas já possuem conhecimento do meio social, a exemplo da própria linguagem verbal. A alfabetização é o processo de aprender ler e escrever com o objetivo de preparar os indivíduos para a vida social. Considerando estes parâmetros, como as crianças aprendem a linguagem escrita? Depende. Podem aprender por meio dos métodos - tradicional, sintético, analítico, fônico, construtivista, dentre outros. Ei-los resumidamente:

a) O método tradicional tem seu aprendizado de forma dividida, primeiro aprende as vogais, depois as sílabas até chegar às palavras e frases, para depois construir textos. Deste modo, os alunos só conseguem produzir textos depois de dominar boa parte das famílias silábicas. As cartilhas com textos curtos para leitura e frases simples desvinculadas da linguagem oral são os principais instrumentos de trabalho do docente. Nesse método descartam livros de história, músicas, revistas e outros materiais de apoio, pois o objetivo é a decodificação e codificação de palavras e frases.

b) No tocante ao método sintético, as crianças dominam primeiro o alfabeto, letra por letra, depois sílabas, palavras, frases e finalmente textos. Nesse método não é permitido que as crianças ultrapassem para uma nova frase antes de dominarem a fase em vigor.

c) O método analítico tem por objetivo fazer com que as crianças compreendam o sentido de um texto, assim, eliminando a possibilidade de silabação. Deste modo, ensinam-se as crianças a produzirem textos de acordo com o

desenvolvimento e organização de suas ideias. Do ponto de vista linguístico, o ensino deve começar por um nível menos complexo, para aos poucos avançar, pois a língua falada é diferente da língua escrita.

d) O método fônico elege como unidade o fonema, ressaltando as relações diretas entre a cadeia sonora e a representação escrita cuja atribui às letras a função de representar os sons. Assim sendo, a relação entre as letras e os sons é uma relação de representação.

e) O método construtivista baseia-se nos estudos de Jean Piaget, acerca da construção do conhecimento. Piaget afirmou que é a própria criança que o constrói. Do ponto de vista linguístico, o construtivismo deixa claro que, para ler é preciso ler, para aprender a escrever é preciso escrever e para isso não é necessário métodos, pois quando aprendemos a falar não utilizamos métodos, portanto, para escrever não é diferente. Segundo a educadora Mortatti:

O construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma 'revolução conceitual', demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas. (2006, p. 1).

Por fim, é relevante enfatizar que, o processo de alfabetização tradicional centrado apenas na memorização das correspondências entre sons e letras vem sendo questionado, pois a alfabetização é uma tarefa ampla e complexa. E não se baseia apenas no simples domínio do “bê-a-bá.” Porém, isso não significa que não seja necessário aprender as letras e os sons correspondentes. Isto é apenas uma parte do conteúdo da alfabetização.

2.2. PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

As crianças não fazem uma diferenciação clara entre os sistemas de representações da linguagem, ou seja, o desenho pictográfico e o da escrita alfabética. Esses dois sistemas linguísticos – (escrita e desenho) apresentam uma distinção nítida. No entanto, mesmo quando a criança já tem claro que “desenha-se com figuras” e “escreve-se com letras”, a natureza do sistema alfabético ainda permanece um mistério a ser desvendado. Antes de supor a escrita como

representação da fala, a criança faz várias tentativas de construir um sistema que se assemelhe formalmente à escrita adulta, buscando registrar as diferenças entre as palavras por meio de diferenças na quantidade, posição e variação dos caracteres empregados para escrevê-las. A pesquisa de Emília Ferreiro nos permite hoje identificar quatro níveis de evolução da escrita, sendo assim, a descoberta de que a escrita representa a fala, leva a criança a formular hipóteses estabelecidas por estes quatro níveis:

a) Nível pré-silábico, aqui as crianças não entendem ainda que a escrita representa no papel os sons da fala, e isso as levam, a pensar que é possível ler diferentes nomes, com grafias iguais. As crianças não diferenciam o desenho da escrita e não dão nenhum significado ao texto. Por isso, elas pensam que os desenhos dizem os nomes dos objetos.

b) Nível silábico, as crianças já sabem que a escrita representa partes sonoras da fala, mas com uma particularidade - cada letra é representada por uma sílaba.

c) Nível silábico-alfabético é a transição entre o nível silábico e o nível alfabético, as crianças entendem que o esquema de uma letra para cada sílaba não funciona, não basta. É necessário acrescentar letras para produzir as palavras.

d) Nível alfabético, nessa fase as crianças já são capazes de fazer uma análise sonora dos fonemas das palavras que escrevem. É a fase final do processo de alfabetização.

3. O QUE É LETRAMENTO?

O conceito de letramento surgiu de uma ampliação progressiva do próprio conceito de alfabetização. A alfabetização é caracterizada pelo fato de ensinar as primeiras letras. Destarte, as crianças que sabem ler e escrever são consideradas alfabetizadas, porém elas só são consideradas letradas quando utilizam em razão de necessidades sociais e políticas - a linguagem escrita para exercer uma prática social em que essa modalidade da língua exige. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997): Letramento é entendido como produto da participação de práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico. Estas práticas discursivas precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as

atividades específicas de ler ou escrever. De acordo com Magda Soares, (2013, p. 10,11):

A partir dos anos 50 e até o último Censo (2000), os questionários passaram a indagar se a pessoa era capaz de “ler e escrever um bilhete simples”, o que já evidencia uma ampliação do conceito de alfabetização: já não se considera alfabetizado aquele que apenas declara saber ler e escrever, genericamente, mas aquele que sabe usar a leitura e a escrita para exercer uma prática social em que a escrita é necessária.

Enfim, para ensinarmos os usos e o processo de escrita dos textos de Língua Portuguesa é relevante fazê-los por meio de situações comunicativas, ou seja, precisamos ter como instrumento de ensino a unidade funcional da língua - o texto. Isto significa dizer que, são inadmissíveis os pedagogos não trazerem para dentro da sala de aula a diversidade textual que existe fora dela, pois esta é a principal maneira de abriremos as comportas do mundo letrado para nossos educandos.

Haja vista, ao adentrar na escola, muitas vezes as crianças se deparam com o ato de alfabetização, lendo textos específicos apenas com o propósito de serem avaliadas quanto ao sistema alfabético.

3.1. DIFERENÇA ENTRE UMA CRIANÇA ALFABETIZADA E UMA CRIANÇA LETRADA

Tendo em vista que, o ser alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, ou seja, já se apropria da codificação e decodificação das palavras – e, letrado é o ser que faz uso social da linguagem seja nas instâncias, escrita ou falada. Então, uma criança pode ainda não ser alfabetizada, mas ser letrada. Por exemplo: uma criança que vive num contexto de letramento, que convive com livros, que ouve histórias lidas por adultos, que veem adultos lendo e escrevendo, cultiva e exerce práticas de leitura e de escrita. As mesmas pegam os livros fingem que estão lendo, pegam cadernos e lápis e fingem que estão escrevendo ou podem pedir que os responsáveis escrevam o que elas desejam. Ainda não aprendeu a ler nem escrever, porém de certa forma, é letrada, possui um nível de letramento.

Por outro lado, uma criança pode ser alfabetizada e não ser letrada. Por exemplo, sabe ler e escrever, mas não cultiva nem exerce práticas de leitura e de

escrita, não lê livros, jornais, revistas, não é capaz de interpretar um texto lido; tem dificuldades para escrever um bilhete – é alfabetizada, mas, não letrada. Com um adulto não é diferente - ele pode ser analfabeto e letrado. Não sabe ler nem escrever, no entanto, usa a escrita (solicita a alguém que escreva por ele, dita uma carta) – não sabe escrever, porém conhece as funções da escrita e usa-as, lançando mão de um “instrumento” que é o cidadão alfabetizado. Pedem que leia para ele a carta recebida de alguém, uma notícia de jornal, uma placa na rua, informações do roteiro do ponto de ônibus – não sabe ler, porém conhece as funções da escrita, e usa-as. É analfabeto, mas, de certa forma, é letrado, tem um nível de letramento.

Sendo o letramento um processo, no qual está encaixado outro (a alfabetização), precisamos também considerar que existem letramento(s) de natureza variada, inclusive sem a presença da alfabetização. Estas ponderações têm a ver com a visão sócio-histórica do letramento [...]. É de se notar que em uma sociedade letrada, as atividades de leitura e escrita estão na base de quase todas as outras atividades. Assim, existem tarefas de leitura e escrita (ou eventos de letramento) que permeiam a vida cotidiana e que se impõem em maior ou menor grau a todos os indivíduos que compõem essa sociedade, sejam eles alfabetizados ou não. (AZEVEDO, MARQUES, PRADO, 2001, P. 55, 56, 57).

Por fim, a dramaturgia *Central do Brasil* (1998) de Walter Salles pode exemplificar a concepção de pessoas analfabetas, porém letradas: Dentro do cenário do século XX, a ex-professora aposentada, Dora (interpretada pela atriz Fernanda Montenegro) ganhava à vida escrevendo cartas para imigrantes nordestinos analfabetos, que ditavam oralmente, o que eles queriam contar às suas famílias que estavam distantes. Portanto, mesmo sendo analfabetos, estes imigrantes sabiam a finalidade do gênero cartas. De certo modo, possuíam um nível de letramento.

3.2. PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Ao alfabetizar é necessário apropriar-se das diversidades de textos que circulam socialmente, para assim garantirmos, tanto o domínio das técnicas de alfabetizar - grafar e reconhecer as letras, relacionando-as com o som/grafia. E o domínio do letramento que é a utilização das práticas sociais de leitura e escrita. Como diz Soares (2003), não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la. Em

práticas de alfabetização e letramento faz-se necessário ao educador, alfabetizar letrando e letrar alfabetizando. Por isso, é inegável não apropriarmos da diversidade de textos que circulam socialmente em nossa sociedade. Abaixo, consta a relação de alguns gêneros importantes para as práticas de alfabetização e letramento.

Haja vista, ao adentrar na escola, muitas vezes as crianças se deparam com o ato de alfabetização, lendo textos específicos apenas com o propósito de serem avaliadas quanto ao sistema alfabético, assim transformando a leitura em uma atividade exaustiva e pouco prazerosa. Por outro lado, se o letramento é um fenômeno social, então devemos trazer para o contexto de sala de aula textos de uso social da escrita, pois os atos de letramentos podem alterar as condições do processo de alfabetização.

3.3. GÊNEROS ADEQUADOS À LINGUAGEM ORAL

A lista de gêneros elencados na tabela a seguir é importantíssima, são demonstrações de práticas textuais propícias para desenvolvermos a linguagem oral das crianças. Por exemplo, pode-se solicitar que os colegas se cumprimentem e o docente enfatizar que este ato faz parte do gênero de saudação praticada constantemente no cotidiano. Também as crianças podem ser solicitadas a relatarem acerca de suas vivências, férias, comemorações, etc. Muitos educadores têm em mente que a palavra de ordem propostas nos currículos seja letramento, porém muitos destes educadores ignoram o fato de que tal competência (letramento) também inclui o domínio dos gêneros da oralidade letrada.

Tabela 1 - Gêneros adequados à Linguagem Oral

Contos de fada;	Adivinhas;	Instruções;
Contos de assombração;	Trava-línguas;	Parlendas;
Contos populares;	Oficinas;	Fábulas;
Mitos;	Relatos;	Músicas;
Poemas;	Piadas;	Entrevistas;
Canções;	Saudações;	Ciranda de roda.

Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa

3.4. GÊNEROS ADEQUADOS À LINGUAGEM ESCRITA

Conforme, Miranda (2006, p. 58) os gêneros configuram-se como formas de organização do discurso e são usados para emoldurar uma dada situação de linguagem e caracteriza-se pelo conteúdo temático, ou seja, o que pode ser falado por meio do gênero, e quais suas intenções comunicativas. Diferentemente da lista de gênero anterior, está serve para instruir as crianças quanto ao uso de práticas sociais no contexto de escrita. Dificilmente as crianças serão negadas a conviver com gêneros como: receitas, calendários, convites, cartões postais, etc. Enfim, o educador comprometido com o letramento destes educandos deve ratificar que convivemos com estes textos constantemente, inclusive em casa. Portanto, basta explica-lhes suas utilidades, conteúdos e formatos. A fim de ilustrar, eis abaixo, uma tabela com gêneros propícios ao desenvolvimento da linguagem escrita.

Tabela 2 - Gêneros adequados à Linguagem Escrita

Receitas;	Cartões postais;	Classificados;
Instruções de uso;	Cartões de natal;	Noticias;
Listas;	Convites;	Anúncios;
Embalagens;	Diários de viagem;	Slogans;
Rótulos;	Quadrinhos;	Cartazes;
Calendários;	Textos de jornais;	Folhetos;
Cartas;	Revistas;	Trava-línguas;
Suplementos infantis;	Bulas de remédios	Manuais de instruções;
Bilhetes;	Título;	Verbetes de dicionário.

Fonte: Parâmetros Curriculares Nacionais - Língua Portuguesa

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, com base em minhas idiossincrasias, afirmo que os processos de alfabetização e letramento, devem andar concatenados. Afinal o letramento é a extensão da alfabetização, ou seja, são os usos sociais de leitura e escrita exercidas

pelos cidadãos em seu convívio social. Apesar de ocorrer à existência de um ou outro na sociedade (ser alfabetizado e não ser letramento ou ser letramento e não ser alfabetizado), os professores alfabetizadores devem incluir nos processos metodológicos gêneros textuais de maior circulação na sociedade, por exemplo: rótulos de embalagens, propagandas, cartazes, anúncios, convites, jornais, calendários, receitas, etc. É de grande relevância as crianças entenderem que os contextos de leitura e escrita executados em sala de aula, fazem parte de sua realidade mundo afora. Alfabetizar codificando e decodificando letras e palavras, não é mais admissível, apropriado.

Alfabetizar hoje em dia requer dinamismo, e para que isso aconteça, precisamos ser coerentes trazendo para dentro de sala de aula os gêneros discursivos que são expostos e encontrados com maior frequência em nossa sociedade. Os métodos e materiais do ciclo da alfabetização precisam condizer com a realidade das crianças fora do contexto de sala de aula. O correto é o docente apresentar/proporcionar através dos gêneros textuais o contexto social - slogans, avisos, sinalizações. Essa prática em conjunto com as leituras diárias do professor propicia o letramento das crianças, pois este contexto está representando o uso social da leitura e escrita.

Diferentemente, do processo de letramento, a alfabetização é concebida como um exercício de análise e reflexão acerca da língua e do código linguístico. Neste processo as atividades utilizadas pelos alfabetizadores priorizam muitas vezes a codificação e decodificação de letras, sílabas, palavras e famílias alfabéticas. É claro que isso faz parte do método de alfabetizar. No entanto, é importante que o processo de alfabetização seja centrado na leitura e na escrita de texto, de preferência gêneros textuais próximo à realidade das crianças.

Por fim, concluo ratificando que, crianças e cidadãos analfabetos que vivem num mundo moderno e urbano, não estão isentos de letramento, pois são impossíveis estes, não participarem das práticas de uso sociais, como placas e lembretes de ônibus, mesmo que tenham que se informar com alguém alfabetizado. Porém, independentemente de não saber decodificar as palavras escritas (processo de

alfabetização), sabem a finalidade de tais, textos, slogans, anúncios, propagandas, placas, símbolos. Isto se denomina letramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Ana Rosa. **Alfabetização: livro do professor**. FUNDESCOLA/SEF-MEC. Brasília, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.

AZEVEDO, MARQUES, PRADO. **Alfabetização hoje**. 4. Ed: Cortez. São Paulo, 2001.

BETTELHEIM, Bruno, ZELAN, Karen. **A psicanálise da alfabetização**. Ed: Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.

CAGLIARI, L, C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1990.

CARNEIRO, João Emanuel, BERNSTEIN, Marcos. **Central do Brasil**. Drama nacional: direção, Walter Sales. Duração - 111 minutos, 1998.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Métodos e didáticas de alfabetização: história, características e modos de fazer de professores: caderno do professor**. CEALE/FAE/UFMG - (Coleção Alfabetização e Letramento) 64 p. Belo Horizonte, 2005.

FERREIRO, Emília, TEBEROSKI, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Ed: Cortez, São Paulo 1985.

LOPES, Janine Ramos, ABREU, Maria Celeste de Matos, MATOS, Maria Célia Elias. **Caderno do educador: Alfabetização e Letramento**. Ministério da educação (MEC), Brasília, 2010.

MIRANDA, Neusa Salim. **Reflexão metalinguística do ensino fundamental: caderno do professor**. CEALE/FAE/UFMG - (Coleção Alfabetização e Letramento) 114 p. Belo Horizonte, 2006.

MORTATTI. **Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate"**, promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, em 27/04/2006.

OLIVEIRA, Marcos Antônio de. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita: caderno do formador.** CEALE/FAE/UFMG - (Coleção Alfabetização e Letramento) 64 p. Belo Horizonte, 2005.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **Multiletramento na escola.** Ed: Parábola, São Paulo, 2012.

SOARES, Magda Becker, BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento: caderno do professor.** CEALE/FAE/UFMG - (Coleção Alfabetização e Letramento) 64 p.
Belo Horizonte, 2005.

SOARES, Magda Becker, BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização: a ressignificação do conceito. Alfabetização e Cidadania.** Revista de Educação de Jovens e Adultos. P.10 -11, RaaB, n. 16, julho 2003.

SOARES, Magda Becker. **Letramento: um tema em três gêneros.** Ed: Autêntica, Belo Horizonte, 1998.